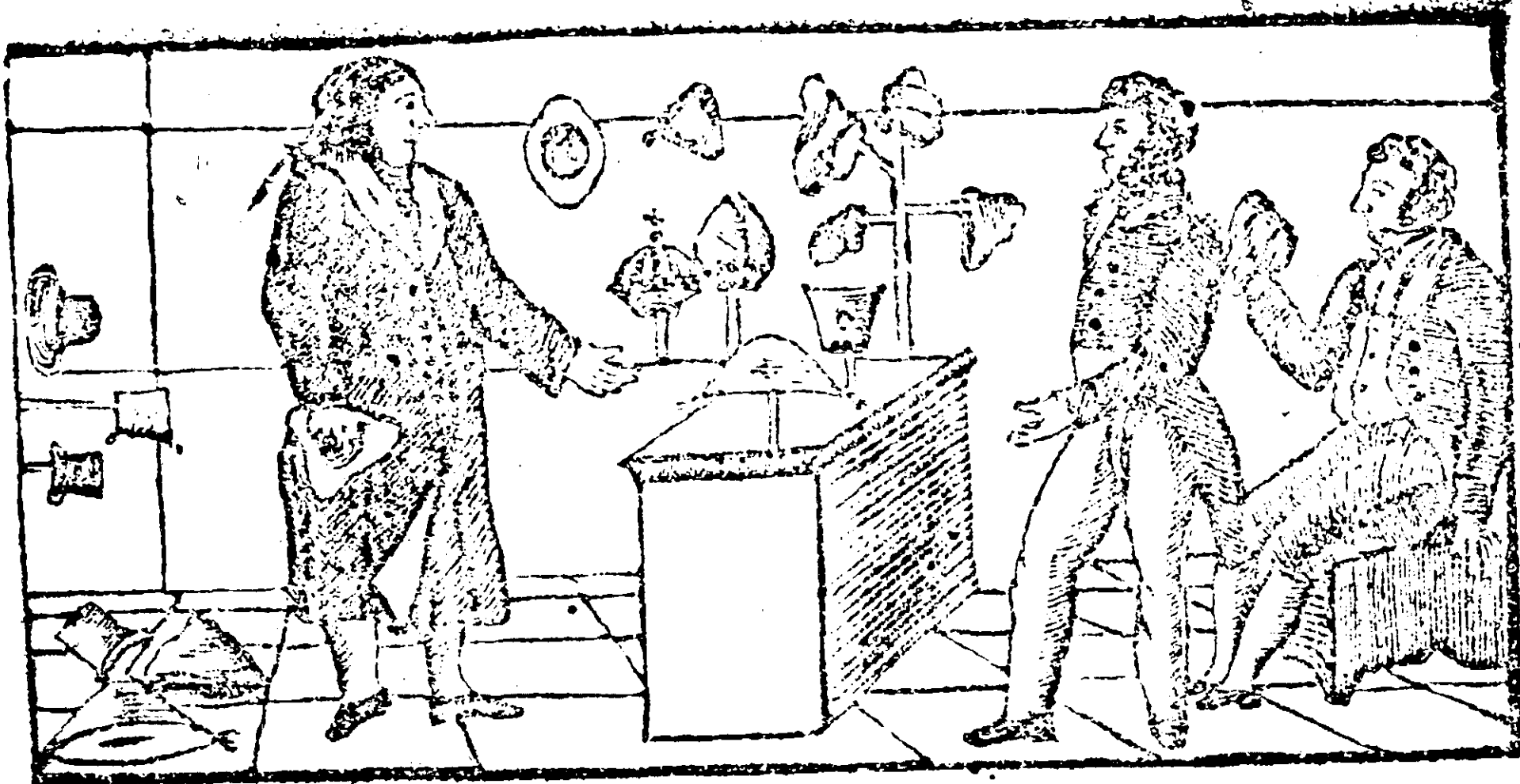


O
CARAPUCEIRO

20 DE DEZEMBRO
DE 1837



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.
Marcial Liv. 10. Epist. 33.*

Guardarei nesta folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

O que pôde a Religião de Jesus Christo.

No meio das charneças da Bretanha em huma encuniada entre la Roche-Bernard, e Redon eleva se a pequena povoação de Fregéac. O espirito de seus habitantes conservou-se tão religioso, e tão puro ainda na maior força do terror durante a Revolução Franceza, que o seu Cura, o Padre Aurain não fôra obrigado a fugir, ficando entre os seus parochianos, a quem fallava de Deos, e ensinava a virtude, como o fizera sempre em tempos de paz, e de felicidade. Fregéac assim refrigerada pelo rocio celeste parecia hum jardim na aridez do deserto; os fieis das parochias visinhas para ali concorrião às escondidas a fim de assistir aos Sanctos Mystérios, e de se saciar nas puras agoas do Evangelho.

Toda vez que o Sacerdote tinha de Celebrar, meninos, que andavão guardando os rebanhos, erão postados por seus pais nas eminências do caminho; e cada hum com seu buzeo era obrigado a tangello, apenas devisasse na estrada soldados da Republica. Dado este signal,

fechavão-se as portas da Igreja, os camponeses continuavão nos seus trabalhos campestres, e os extranhos voltavão armados para a sua aldeia sem se suspeitar, que ali ainda se adorava o Deos, que adorado fôra sempre por nossos maiores.

Hum dia dessas grandes Festas, que ontr'ora se celebravão com solemnidade, estava a Igreja cheia dos habitantes de Fregéac, e dos piedosos Christãos da vizinhança. Estava o Padre Aurain no altar: acabava de pronunciar sobre a Hostia as palavras sagradas: Deos havia descido da gloria celeste ao Templo rustico; a multidão respeitosa adorava em silencio; quando ao longe soou o signal de alarma. As mulheres assustão-se, e põe-se em movimento: erguem-se os homens; só o Sacerdote se mostra imperterrito. Cumpre, diz elle, que se complete o sacrificio: Deos está conosco; oremos, meus irmãos: e inclinándose sobre o altar, humilhou-se, bateo nos peitos, e consumio a Hostia, e o vinho consagrados.

Augmenta-se o borborinho na porta

da Igreja : correm os camponeses, e hum menino apparece gritando " Fuja, Snr. Cura, fuja, que os soldados já estão na povoação, e vem atraz de mim." Mal tinha tirado o Padre as vestes Sacerdotaes na Sacristia, quando assomão na porta da Igreja dous dragões da Republica : o Cura he avisado, e cuida de passar para o cemeterio : encontra ali outros dous, que o querem agarrar ; mas elle traspõe o muro, e mette-se pelos campos : ali o perseguem os soldados republicanos ; porem o Cura vigoroso, e senhor das veredas, escapa-lhes, e chegando á margem de hum rio, atira-se a elle, e o atravessa a nado : segue-lhe o curso, ganha os campos d'além, sobe-se pelo recosto de hum monte, e já está salvo dos que tanto o desejavão assassinar. Entre tanto ouve gritos de quem pede soccorro ; torna atraz, e vê hum dos dragões, que tambem se lançára ao rio apoz d'elle, debatendo-se nas aguas, indo-se á baixo, e acima, e prestes a afogar-se. O Padre, que havia ensinado a Caridade, que pregára o perdão, e mandára aos homens pagar o mal com o bem, não foi surdo ás vozes de hum inimigo, que clamava por soccorro. Elle desce açodadamente a collina, e com tanta presteza, quanta empregára pouco antes em evadir-se. Arremessa-se á corrente ; por muitas vezes mergulha, e vem a flor d'agoa para segurar o soldado, que se afoga, até que consegue salvá-lo, levando-o para a margem opposta : e ali por entre humas moitas busca reanimar o soldado, dando-lhes fricções, emborcando-o, &c.

Torna finalmente a si o Dragão, e espantado lhe diz " He possivel, senhor, que me salveis a vida vós, a quem eu perseguia para vos dar a morte? " — Aqui estou responde-lhe o Padre, feito vosso prizioneiro : já vos não posso fogir : aqui estou, matai-me, se quizerdes. " — Antes morra eu, responde o Dragão francez, do que attentar contra os vossos dias. Enganarão-nos, senhor :

a toda hora nos repetem, que os Padres são os nossos mais crueis inimigos ; que só querem sangue, e não respirão se não vingança. -- Meu amigo, replicou o Padre Aurain, agora acabaes de ver, se nós só respiramos vingança. Em salvar-vos, como vos salvei, não fiz outra cousa mais, do que cumprir com o meu dever ; e todo o Padre, todo o Christão assim devia obrar : eu fui feliz em livrar-vos da morte ; estou satisfeito ; dou graças ao Cco ; dai-as vós tambem, e nunca mais persigaes aos que servem a Deos, e nelle crêem. --

" Retirai-vos, meu Padre, diz finalmente o soldado, retirai-vos ; que lá vem os meus camaradas ; e nós não sabemos, se não obedecer. Fogi ; que eu irei ter com elles, e lhes direi, que vos sumistes ; pois que não serão elles tão humanos, como eu. A Deos, meu bom Padre : nunca me saireis da memoria ; eilos, que se aproximão ; retirai-vos. Separarão-se, e o Padre quasi exinani do tractou de esconder-se. O republicano ajuntou-se aos seus camaradas ; e tal era o furor desses homens da Revolução, que aquelle, que acabava de ser salvo, não ousou fallar do seu bemfeitor, guardando silencio á cerca do heroe da Religião Christã : o temor fez emudecer a gratidão, que o soldado sentia no fundo da su'alma. O Padre Aurain ainda vive, e hoje he Cura da Parochia de Derval.

(Trad. do Catholique Magasin Religieux.)

Vinde cá meus Filósofos sensualistas, vinde cá meus eutonados discipulos de Epicuro, de Hobbes, de Helvecio, d' Holbac, e do Snr. J. Bentham ; delicias da nossa Mocidade Litteraria, vós, que com estes vossas mestres reduzis toda a Moral ao prazer, e á dor dos sentidos, não reconhecendo outro nenhum movel das acções humanas, dizei-me, como explicareis com a vossa doutrina

exclusivamente sensualista o espantoso sacrificio desse Ministro do Homem Deuses? Mostrai-me hum só Filosofo quer antigo, quer moderno, que expoesse a perecer a fim de salvar a vida a hum inimigo, que tanto empenho fizera por lh'a tirar? Apontai-me em a vossa escola algum exemplo de tal desinteresse, de tal magnanimidade, de tal desapêgo ao maior bem do mundo. Os Filosofos sabem muito duvidar de tudo, embrulhar tudo, engrazar pomposas frases em louvor da virtude, que bem poucos praticão, e tornar o homem huma maquina calculadora, eminentemente moquencia, e velhaca; mas só Jesus Christo nos veio ensinar a ser virtuosos, e justos, só no Evangelho se encontra a verdadeira Moral, aquella, que nos aproxima, e assemelha à Divindade.

Que discipulo de Bentham, apavonado com as luzes do seculo, arriscaria a sua propria vida para salvar, não a de hum pai, não a de huma mãe, de hum irmão, ou de huma esposa; mas a do seu maior inimigo, a de hum perseguidor, e acerrimo assassino? Se conforme ao systema desse celebre Jurisconsulto Inglez os unicos moveis das acções humanas são prazer, e dor, ou por outra, o interesse pessoal; que prazer fiz o, que interesse em summa vinha a esse Padre de salvar com gravissimo risco da propria a vida de semelhante inimigo? Confessai, meus Filozofantes, que a Moral do vosso Bentham, e de toda a escola materialista, e atheista, he a Moral do egoísmo, he infelizmente a Moral de quantos só acreditão na felicidade deste mundo, não a guardando a terrivel eternidade; mas a Moral de J. C. he a Moral unica verdadeira, he a Moral, que felicitando nos nesta vida, conduz-nos á Bemaventurança, e quasi nos identifica com o Ente Supremo. A Moral de Bentham tem tornado o Brazil (com honrosas excepções) huma associação de egoistas, velhacos, e tractantes: mas só a Moral do Divino Mestre nos porá

no caminho da virtude, e consequentemente da prosperidade publica.

VARIEDADE.

Discurso do Padre Antonio Vieira sobre a dilatação dos Ministros em não despacharem os requerentes

Quando? Esta he a ultima circumstancia do nosso exame. E quando acabaria eu, se houvera de seguir até ao cabo este *quando*? Quando fazem os Ministros o que fazem? E quando fazem o que devem fazer? Quando respondem? Quando deferem? Quando despachão? Quando ouvem? Que até para huma audiencia são necessários muitos *quandos*. Se fazer-se hoje o que se podera ter feito hontem; se fazer-se amanhã o que se devéra fazer hoje he materia em hum Reino de tantos escrúpulos, e de danos muitas vezes irremediaveis; aquelles *quandos* tão dilatados, aquelles *quandos* tão desattendidos, aquelles *quandos* tão eternos, quanto devem inquietar a consciencia de quem tiver consciencia?

Antigamente na Republica Hebréa (e em muitas outras) os tribunaes, e os Ministros estavam às portas das Cidades. Mas q' razão tiverão aquelles Legisladores para situarem este lugar aos tribunaes, e para pôrem às portas das Cidades os seus Ministros? Varias razões apontão os Historiadores, e Politicos; mas a principal, em que todos convêm, era a brevidade do despacho. Vinha o lavrador, vinha o soldado, vinha o estrangeiro com a sua demanda, com a sua pretensão, com o seu requerimento e sem entrar na Cidade, voltava respondido no mesmo dia para sua casa: de sorte que estavam tão promptos aquelles Ministros, que nem ainda dentro na cidade estavam, para que os requerentes não tivessem o trabalho, nem a despeza, nem a dilatação de entrarem dentro: mas saibão os requerentes a differença d'

aquella era á nossa, para que se não lastimem mais. Antigamente estavam os Ministros ás portas das Cidades; agora estão as Cidades ás portas dos Ministros. Tanto coche, tanta liteira, tanto cavallo. (que os de pé não fazem conto, nem delles se faz conta) As portas, os pateos, as ruas rebentando de gente, e o Ministro encantado, sem se saber, se está em casa, ou se o há no mundo, sendo necessaria muita valia só para alcançar de hum criado a revellação deste mysterio. Huns batem, outros não se atrevem a bater; todos a esperar, e todos a desesperar. Sahe finalmente o Ministro quatro horas depois do sol; apparece, e desaparece de corrida: olhão os requerentes para o Ceo, e huns para os outros; aparta se desconsolada a Cidade, que esperava junta. E quando haverá outro *quando*? E que vivão, e obrem com esta inhumanidade homens, que se confessão, quando procedião com tanta razão homens sem Fé, nem Sacramentos? Aquelles Ministros, ainda quando despachavão mal os seus requerentes, fazião-lhes trez mercês: poupavão-lhes o tempo; poupavão-lhes o dinheiro; poupavão-lhes as passadas: os nossos Ministros, ainda quando vos despachão bem, fazem vos os mesmos trez damnos. O do dinheiro; por que o gastaes: o do tempo; por que o perdeis: o das passadas; por que as multiplicaes. E estas passadas, e este tempo, e este dinheiro, quem o hade restituir? Quem hade restituir o dinheiro a quem gasta o dinheiro, que não tem? Quem ha de restituir as passadas a quem dá passadas, que não póe? Quem ha de restituir o tempo tão precioso, e tão perdido? Dilata o julgador oito mezes a demanda, que se poderá concluir em oito dias: dilata o Ministro oito annos o requerimento, que se devia acabar em oito horas. E o sangue do soldado, as lagrimas do orfão, a pobreza da viuva, a afflicção, a confusão, a desesperação de tantos miseraveis?

A dilacão são dous males: o desengano sem dilacão he hum mal temperado com hum bem; por que se me não daes o que peço, ao menos livraes-me do que padeço. Livraes-me da suspencão; livraes-me do cuidado; livraes-me do engano; livraes-me d'ausencia de minha casa; livraes-me da Còrte, e das despesas della; livraes-me do vosso tribunal; livraes-me das vossas escadas; livraes-me dos vossos criados; em fim livraes-me de vós. E he pouco? Pois se com hum desengano dado a tempo os homens ficão menos queixosos, o governo mais reputado, o Rei mais amado, e o Reino mais bem servido; por que se ha de entreter, por que se ha de dilatar, por que se não ha de desenganar o pobre pretendente, que tanto mais o empobreceis, quanto mais o dilataes? Se não há cabedal de fazenda para o despacho, não haverá hum *Não* de trez letras para o desengano? Será melhor, que elle se desengano, depois de perdido? E que seja o vosso engano a causa de se perder? Quereis, que se caide, que o sustentaes na falsa esperança; por que são mais rendosos os que esperão, que os desenganados? Se lhe não podeis dar o que lhe negaes, quem lhe ha de restituir o que lhe perdeis?

Carta que hum sujeito aqui escreveu a hum amigo no Rio de Janeiro, encomendando-lhe o seu retracto.

..... As pulseiras da noiva seião do ultimo gosto, e as mais bem garantidas, que ahi houver por causa do grande tom. Sobre tudo lhe rogo a encomenda, que lhe fiz do meu retracto para a dita noiva trazer ao pescôco; e quero-o bem genuino, e bastante *autografo*; por que aqui, meu amigo, não há hum só *Retractista*, que preste; e nessa Còrte dizem-me, que os há *peritimos*, e sublimes na *dinamica* da pintura. Não se esqueça de explicar bem as minhas feições ao dito Pintor; pois Vm. ha de estar bem lembrado de mim; e diga-lhe, que a marquinha, que tenho ao pé do nariz, melhor será, que m'a ponha a baixo da barba; e tambem não me retracte com suissas; por que já as rapei. &c.....